

SCOTT HAHN

— AVE, —
SALVE RAINHA
SANTÍSSIMA

A MÃE DE DEUS NO MUNDO DE DEUS



PAULUS

LOUVORES A AVE, SALVE RAINHA SANTÍSSIMA



«Numa prosa simples e direta, *Ave, Salve Rainha Santíssima*, do Dr. Scott Hahn explica o lugar da Abençoada Virgem Maria na piedade cristã. De leitura fácil e estruturado de forma perspicaz, *Ave, Salve Rainha Santíssima* examina e analisa as bases bíblicas e teológicas da devoção mariana com conhecimento e fé profundas.»

CARDEAL EDWARD EGAN

Arcebispo de Nova Iorque

«Recomendo vivamente este esplêndido trabalho de Scott Hahn. Acredito que muitas pessoas irão considerar o livro *Ave, Salve Rainha Santíssima*, muito útil na descoberta e redescoberta de Maria. O estilo do livro é simples e elegante. A sua mensagem, em fidelidade ao Concílio Vaticano II, é muito clara em concentrar a nossa atenção em Maria, a Mãe de Deus, na sua relação com Cristo e a Sua Igreja.»

REVERENDÍSSIMO JUSTIN RIGALI

Arcebispo de St. Louis

«No seu inimitável estilo brilhante, Scott Hahn, serve um banquete da Escritura, teologia e espiritualidade aos Cristãos – quer sejam eles Católicos ou Protestantes – para compreenderem o papel de Maria nos objetivos de Deus.»

FREI GEORGE T. MONTAGUE, S.M.

Antigo Presidente da Associação Bíblica Católica; Professor de Escrituras, Universidade de St. Mary, San Antonio, Texas

«Uma apresentação extraordinária dos textos bíblicos sobre Maria. Eles devem ser a alma da Mariologia Católica e deve ajudar os leitores protestantes a alcançarem uma melhor compreensão da Santa Escritura.»

FREI BERTRAND DE MARGERIE, S.J.
Associações francesa e americana de Estudos Marianos,
Associação Internacional de Estudos Patrísticos
e Pontifícia Academia S. Tomás de Aquino, Roma

«*Ave, Salve Rainha Santíssima* é um desenvolvimento paciente e pessoal que dá resposta a todas as objeções comuns à devolução católica a Maria. A sua apresentação irá transmitir ao leitor argumentos persuasivos e excitantes para abraçar Maria como Mãe e Rainha.»

Frei MICHAEL SCANLAN, T.O.R.
Reitor da Universidade Franciscana de Steubenville

«Recomendarei fervorosamente este livro a todas as pessoas, Católicos e Protestantes. Scott Hahn é um teólogo sério, mas a sua prosa é sempre ágil e lúcida. É difícil imaginar qualquer fundamento a partir do qual possa ser criada uma réplica ao retrato da Mãe Santíssima.»

THOMAS HOWARD
autor de *Lead, Kindly Light*,
On Being Catholic e *Evangelical Is Not Enough*



PRÓLOGO

PELO PADRE KILIAN HEALY, O. CARM.

ALGUNS MESES ANTES da sua morte, Santa Teresa de Lisieux cumpriu o seu desejo de expressar numa música tudo o que pensava sobre a Santíssima Virgem Maria. Deu ao seu longo poema de 25 estrofes o título de «Porque te amo, oh Maria». O seu desejo era dizer a verdade sobre Maria, e Santa Teresinha retira todo o seu conhecimento sobre Maria, factos e eventos, dos Evangelhos. Para Santa Teresa, Maria, a Mãe de Deus, é a sua mãe espiritual e rainha celestial, mas mais mãe do que rainha. Entre os seus mais de quinze poemas, esta canção de amor é considerada a favorita dos leitores e discípulos de Teresa.

Ave, Salve Rainha Santíssima, de Scott Hahn, diz-nos, em prosa, não poesia, o porquê de amar e honrar a Virgem Maria, e o porquê de também nós a devermos amar e honrar. Embora, tal como Santa Teresa, encontre o papel de Maria revelado nos evangelhos, a sua pesquisa vai além deles. Hahn é um forte crente no princípio de Santo Agostinho de que o Novo Testamento está oculto no Antigo, e que o Antigo Testamento está revelado no Novo. De forma nada surpreendente, o autor encontra Maria prefigurada no Antigo Testamento, especialmente em Eva, a mãe de todos os viventes, na arca da aliança e na rainha-mãe do reinado de David.

Além disso, ela é a rainha *celestial*, revestida de sol no livro do Apocalipse. Hahn também a encontra na Tradição da Igreja, especialmente nos pais da Igreja e nos dogmas da Igreja (que são intérpretes da escritura).

Scott Hahn conta a sua história de modo pessoal e humilde, sempre consciente das falsas interpretações da doutrina e devoção mariana que teve nos seus dias de juventude anticatólicos. Ao escrever este livro, Hahn tem a possibilidade de os corrigir. Mas o seu motivo primário é escrever para todos os cristãos que irão ouvir, especialmente para os seus irmãos católicos, pois ele deseja que eles desfrutem do lugar de Maria nas suas vidas.

Isto levanta-nos uma questão: os cristãos das diferentes denominações irão ouvi-lo? Estou otimista. No passado, Maria foi para muitos um obstáculo à união, mas nos últimos trinta anos, desde o Concílio Vaticano II, foram feitos grandes avanços em direção à unidade. Escolásticos bíblicos, tanto Católicos como Protestantes, uniram-se para estudar a escritura. Em 1967, a Ecumenical Society of the Blessed Virgin Mary teve início em Inglaterra e incluía líderes das igrejas anglicana, católica, metodista e ortodoxa. Em 1976, a sociedade foi fundada em Washington, D.C. Membros de ambas as sociedades encontram-se regularmente e publicam as suas descobertas. Embora os vastos problemas que ainda se encontram por resolver, registaram-se alguns progressos e as sociedades avançam com esperança e visão. Pode Maria, a Mãe de Todos os Cristãos e Mãe da Unidade, levar a sério os seus esforços, interceder ao Espírito Santo e ajudar a unir todos os Cristãos.

Uma pergunta final: como devemos nós abordar este livro? O meu próprio julgamento diz-me que seria um erro considerá-lo um companheiro de mesa de cabeceira. O seu rico conteúdo deve ser ponderado e digerido. Pode servir como um manual para uma aula sobre estudos marianos. Seria ideal para um grupo de estudo mariano. Com a Bíblia numa mão e este livro na outra, os leitores poderão interessar-se e entusiasmar-se com as discussões sobre os tipos bíblicos de Maria e os dogmas da Igreja. Apenas através

do estudo, reflexão e oração, é que estas verdades reveladas levam a uma apreciação e amor de Maria, mãe e rainha, e consequentemente a um amor pelo Deus da misericórdia que no-la deu.

Quando Santa Teresa escreveu o seu cântico de louvor, explicou a sua razão desta forma: «Em ti, o Todo Poderoso fez grandes coisas. Quero refletir sobre elas e bem-dizê-Lo por elas.»

Scott Hahn refletiu as maravilhas que Deus trabalhou em Maria, e quer partilhá-las connosco. Convida-nos a ter um olhar amoroso sobre a nossa mãe e rainha. Ela é o modelo e exemplo para todas as crianças. Um dia, ela irá levar-nos pela mão e conduzir-nos gentilmente ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

Que este livro, um trabalho de amor, produza a resposta que merece.

Festa de Nossa Senhora Rainha, 22 de agosto de 2000

INTRODUÇÃO



O FILHO DE TODAS AS MÃES: CONFISSÕES DE UM PRÓDIGO MARIANO



A pesar de toda a minha piedade recém-descoberta, eu ainda tinha quinze anos, e estava demasiado consciente do que era “fixe”.

Apenas alguns meses antes, tinha deixado para trás vários meses de delinquência juvenil e aceitado Jesus como meu Senhor e Salvador pessoal. Os meus pais, que eram particularmente devotos da igreja presbiteriana, deram pela mudança e aprovaram-na com entusiasmo. Se fosse a religião a manter-me longe da detenção de menores, então que assim fosse.

Na maior parte do tempo, o zelo pela minha nova fé consumia-me. Mas, num dia de primavera, tomei consciência de que outra coisa me consumia. Tinha uma infeção gástrica, com todos os sintomas desagradáveis. Expliquei a situação ao meu professor, que me mandou ir à enfermaria da escola. A enfermeira, após me tirar a temperatura, disse para me deitar enquanto telefonava à minha mãe.

Pelo que consegui ouvir da conversa, percebi que iria para casa. Senti um alívio imediato e adormeci.

Acordei com um som que me cortava como uma navalha. Era a voz da minha mãe, repleta de piedade maternal.

- Ah – disse ela ao ver-me ali deitado.

Depois, de repente, apercebi-me. *A minha mãe ia levar-me para casa. E se os meus amigos a vissem a levar-me para fora da escola? E se ela tentasse pôr o braço à minha volta? Seria motivo de chacota...*

A humilhação vinha a caminho. Já conseguia ouvir os meus colegas a gozar comigo. *Viram a mãe dele a limpar-lhe a testa?*

Se fosse católico, podia ter imaginado os quinze minutos seguintes como um purgatório. Mas na minha imaginação evangélica, era um verdadeiro inferno. Embora olhasse para o teto por cima da marquesa da enfermeira, tudo o que via era um longo e insuportável futuro como «Menino da mamã».

Sentei-me para encarar uma mulher que se aproximava de mim com pena. Na realidade, era a pena dela que eu achava mais repugnante. Implícito na compaixão de qualquer mãe está implícita a «pequena» necessidade do seu filho – e essa pequenez e necessidade definitivamente não eram fixes.

- Mãe – murmurei antes de ela dizer alguma coisa - . Achas que podias sair antes de mim? Não quero que os meus amigos te vejam a levar-me para casa.

A minha mãe não disse uma única palavra. Virou-se e saiu do gabinete da enfermeira, saiu da escola e foi direta ao carro. A partir daí, foi a minha mãe quem me levou para casa, perguntou como me sentia, certificou-se de que me ia deitar com a medicação.

Tinha sido de raspão, mas tinha a certeza de que tinha escapado com o meu lado fixe intacto. Adormeci numa paz quase perfeita.

Só voltei a pensar no facto de eu ser «fixe» nessa noite. O meu pai veio até ao meu quarto para saber como eu estava. Bem, disse-lhe. Depois, olhou para mim com seriedade.

- Scottie – disse ele -, a tua religião não significa nada, se for apenas conversa. Tens de pensar na forma como tratas as outras pessoas. – Depois veio o cliché – Nunca tenhas vergonha de ser visto com a tua mãe.

Eu não precisava de uma explicação. Conseguia ver que o meu Pai tinha razão, e tive vergonha de mim mesmo por ter vergonha da minha mãe.

Adolescentes espirituais

No entanto, não é isso que acontece com muitos cristãos? Enquanto Ele estava suspenso, a morrer, na cruz, na Sua última vontade e testamento, Jesus deixou-nos uma mãe. «Jesus viu sua Mãe e, ao lado d’Ela, o discípulo que Ele amava. Então disse a sua Mãe: “Mulher, eis aí o teu filho”. Depois disse ao discípulo: “Eis aí a tua Mãe”. E, dessa hora em diante, o discípulo recebeu-A em sua casa.» (Jo 19,26-27).

Nós somos os Seus discípulos amados, os Seus irmãos mais novos (cf. Hb 2,12). A Sua casa celestial é nossa, o Seu Pai é nosso, e a Sua mãe é também nossa mãe. No entanto, quantos cristãos a levam para suas casas?

Além disso, quantas igrejas cristãs estão a cumprir a profecia do Novo Testamento de que «todas as gerações» «felicitarão» Maria (Lc 1,48)? A maioria dos ministros protestantes – e aqui falo da minha experiência anterior – inclusive evitam referir a mãe de Jesus, por medo de serem acusados de cripto-catolicismo. Por vezes, os membros mais zelosos das suas congregações foram influenciados por estridentes polémicas anticatólicas. Para eles, a devoção mariana é idolatria que coloca Maria entre Deus e o homem ou exalta Maria graças a Jesus. Desta forma, muitas vezes, encontramos igrejas protestantes nomeadas em honra a São Paulo, São Pedro, São Tiago ou São João, mas raramente vemos uma com o nome de Santa Maria. Frequentemente, ouvimos pastores a falarem de Abraão ou David, antepassados distantes de Jesus, mas quase nunca ouvimos um sermão sobre Maria, a Sua mãe. Longe de lhe chamar bem-aventurada, a maioria das gerações de protestantes vive a sua vida sem sequer a mencionar.

Este não é apenas um problema protestante. Muitos católicos e cristãos ortodoxos abandonaram a sua rica herança das devoções marianas. Ficaram intimidados pelas polémicas dos

fundamentalistas, envergonhados pelos risinhos dos teólogos dissidentes, ou envergonhados por sensibilidades ecuménicas bem intencionadas, mas mal orientadas. Estão felizes por terem uma mãe que reza por eles, prepara as suas refeições e cuida da casa; apenas deseja que ela se mantenha afastada quando existem outras pessoas por perto, pessoas essas que não iriam compreender a situação.

Maria, Maria, exatamente o contrário

Também eu fui culpado desta negligência filial, não apenas com a minha mãe terrena, mas também com a minha mãe em Jesus Cristo, a Abençoada Virgem Maria. O caminho da minha conversão levou-me da delinquência juvenil ao ministério presbiteriano. Ao longo de todo o caminho, tive os meus momentos antimarianos.

O meu primeiro encontro com a devoção mariana aconteceu quando a minha avó Hahn faleceu. Ela era a única católica de ambos os lados da família, uma alma serena, humilde e santa. Uma vez que eu era a única pessoa religiosa na família, o meu pai deu-me os artigos religiosos da minha avó quando ela morreu. Olhei para eles com horror. Segurei o terço dela nas mãos e parti-o, dizendo: «Deus, liberta-a das cadeias do catolicismo que a prenderam». Acreditava no que dizia. Via o terço e a Virgem Maria como obstáculos que existiam entre a minha avó e Jesus Cristo.

Mesmo enquanto me aproximava lentamente da fé católica – inexoravelmente atraído pela verdade de uma doutrina após a outra – não me era possível aceitar os ensinamentos marianos da Igreja.

A prova da sua maternidade apenas veio até mim quando tomei a decisão de me deixar ser seu filho. Apesar de todas as hesitações provenientes da minha formação protestante – lembrem-se apenas alguns anos antes tinha partido o terço da minha avó -, um dia

peguei no terço e comecei a rezar. Rezei por uma intenção pessoal, aparentemente impossível. No dia seguinte, voltei a agarrar naquelas contas, bem como no dia seguinte e no dia após esse. Passaram meses antes de me aperceber que a minha intenção, a situação aparentemente impossível, se tinha revertido desde o dia em que tinha começado a rezar o terço. O meu pedido tinha sido atendido.

Daqui até à maternidade

A partir desse momento, conheci a minha mãe. Acredito que a partir desse momento reconheci verdadeiramente a minha casa na família de Deus: sim, Cristo era meu irmão. Sim, Ele ensinou-me a rezar «Pai Nosso». Agora, no meu coração, aceitava o Seu mandamento de contemplar a *minha* mãe.

Com este livro desejo partilhar esse conhecimento – e as suas inabaláveis bases bíblicas – com quantos cristãos que me queiram ouvir, em oração, com uma mente aberta. Desejo especialmente falar aos meus irmãos católicos romanos, porque muitos de nós precisamos de redescobrir a nossa mãe, descobri-la pela primeira vez, ou talvez vê-la com um olhar novo. Porque até mesmo aqueles que permanecem fiéis à Mãe de Deus, por vezes, podem fazê-lo de uma forma desnecessariamente defensiva – mantêm-se de modo desafiante ao lado de sua mãe, sem, no entanto, tirarem sentido bíblico das suas devoções. Agarram-se a um conjunto de passagens do Novo Testamento como um último recurso mariano. Estes bons católicos – embora prestem reverência à sua mãe – não compreendem totalmente o seu significado no plano divino.

Maria enche as páginas da Escritura desde o início do primeiro livro até ao fim do último. Ela estava lá, no plano de Deus, desde o início dos tempos, tal como os apóstolos estavam, e a Igreja, e o Salvador, e ela estará lá no momento em que tudo é cumprido. No entanto, a sua maternidade é uma descoberta à espera de ser feita.

Ainda protestante, enquanto aspirante a estudioso das Escrituras, predispus-me a procurar maternidade e paternidade na Bíblia. Encontrei centenas de páginas de excelentes ensinamentos sobre paternidade, patriarcado, paternalismo e por aí além – mas apenas alguns parágrafos sobre maternidade e matriarcado.

O que está de errado com esta imagem? Talvez a maternidade seja tão pouco compreendida e apreciada por causa das nossas mães serem tão próximas de nós. As crianças, por exemplo, nem sequer compreendem que a mãe é uma entidade separada até terem alguns meses de vida. Alguns investigadores dizem que as crianças não têm sequer noção desta realidade até deixarem de serem amamentadas. Não tenho a certeza de que *alguma vez* nos conseguiremos realmente distanciar fisicamente das nossas mães – embora durante a adolescência as façamos ir alguns passos à nossa frente.

Aproxima-te

Vamos fazer esta descoberta juntos. Vamos caminhar com o povo de Deus pelos momentos da criação e da queda, e da promessa da redenção, desde a entrega da Lei ao estabelecimento do reino. Em cada momento, encontraremos também a promessa de um lar, onde existe uma mãe que é uma poderosa intercessora dos seus filhos. Na fase mais importante, iremos encontrar uma *mãe rainha*, que sozinha pode completar o reino de Cristo em Sua casa.

Mesmo que sinta que deve começar esta viagem alguns passos atrás – à distância da história da Santíssima Virgem Mãe – peço-lhe que continue a caminhar comigo, e com Maria, em direção ao nosso destino comum, à nossa casa comum, na Jerusalém celeste.

ÍNDICE

PRÓLOGO pelo Padre Kilian Healy, O. Carm.	11
INTRODUÇÃO O FILHO DE TODAS AS MÃES: Confissões de um Pródigo Mariano	17
CAPÍTULO 1 O MEU TIPO DE MÃE A Lógica Amorosa da Maternidade de Maria	27
CAPÍTULO 2 NOITE DE NATAL A Maternidade de Maria é o Éden Revisitado.	41
CAPÍTULO 3 VENERADORES DA ARCA PERDIDA Israel e a Portadora da Nova Aliança	55
CAPÍTULO 4 PODER POR DETRÁS DO TRONO A Rainha-Mãe e o Rei Davídico	71
CAPÍTULO 5 DA ESCRITA AO ENSINO A Mãe é a mensagem	85

CAPÍTULO 6 E OS FILHOS? A Rainha-mãe e a Família Real	105
CAPÍTULO 7 A IGREJA SUPREMA Quem faz da Igreja uma Mãe?	121
CAPÍTULO 8 UM POSFÁCIO FINAL SEM DESCULPAS	129
Apêndice: As Contas Veneráveis	141
Fontes e Referências	151